



AEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

Os símbolos da Brigada de Infantaria Pára-quedista¹: influências, permanências e rupturas

Vandré Rolim Machado²

Resumo: O estudo das tradições é tão antigo quanto a história humana. Heródoto, a mais de 2400 anos, já considerava importante descrever os costumes de seus inimigos, persas e egípcios, para explicar o conflito dos gregos com esses povos. A tradição é construída historicamente e identificar as suas permanências e rupturas permite a compreensão dos embates na consolidação do processo. No estudo analisaremos as origens, continuidades e rupturas de alguns símbolos que compõem as tradições da Brigada de Infantaria Pará-quedista. A pesquisa tem uma abordagem qualitativa e por meio de um estudo de caso busca identificar as influências destas tradições e quais os seus princípios estruturantes.

Palavras-chave: Tradições; Símbolos; Paraquedistas militares.

Abstract: The study of traditions is as old as human history. Herodotus, more than 2,400 years old, already considered it important to describe the customs of his enemies, Persians and Egyptians, to explain the conflict of the Greeks with these peoples. The tradition is built historically and identify the permanences and ruptures allows the understanding of the flights in the consolidation of the process. In the study we will analyze the origins, continuities and ruptures of some symbols that compose the traditions of the Parachute Infantry Brigade. The research has a qualitative approach and through a case study seeks to identify the influences of these traditions and what its structuring principles.

Keywords: Traditions; Symbols; Paratrooper.

Introdução

A tradição é por definição um hábito ratificado pela prática histórica, ou seja, um ato contínuo transmitido e validado culturalmente. Hobsbawm e Ranger (1997) definiram um conceito particular do termo e o chamaram de “tradição inventada”. O termo inclui não apenas as tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, mas também as que surgem de maneira mais complexa e de difícil localização em um espaço

¹ Embora a palavra paraquedista, pela nova ortografia, não possua hífen e acento agudo o nome da Grande Unidade e de seus quartéis subordinados permaneceram da forma anterior (pára-quedista). BRASIL (a). *Site oficial da Brigada de Infantaria Pará-quedista*. Disponível em: <<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/>>. Acesso em: 20 Jan. 2016.

² Mestrando em Ciências Militares pelo Instituto Meira Mattos (2015-2016). Contato: vrmselva@hotmail.com.

temporal. Os símbolos que formam tais tradições inventadas existem em diversos grupos sociais, dentre eles, os militares (HOBSBAWM e RANGER, 1997, p.6).

As forças armadas não vivem de forma isolada e desempenham diversas funções sociais e, portanto, sofrem uma interação cultural na sociedade que estão inseridos. Por outro lado, eles apresentam algumas características que os diferenciam do restante da população. Dentro da estrutura da caserna, particularmente no Exército Brasileiro, existem diversas especialidades³ e tropas de diferentes naturezas, mas na pesquisa destacaremos apenas os paraquedistas.

O problema do estudo será responder à questão: Como surgiram os símbolos das tradições paraquedistas brasileiras e, em que medida, suas permanências e rupturas influenciam na formação da identidade dos militares da Brigada de Infantaria Pará-quedista? No artigo faremos um estudo sobre as tradições paraquedistas e analisaremos o uso de alguns de seus símbolos, destacando, a boina grená, o “boot” marrom, o brevê prateado e águia dourada. A intenção será destacar as influências destas tradições e as regras tácitas que nortearam a criação destes símbolos de acordo com o conceito de Hobsbawm e Ranger (1997).

Os paraquedistas são uma pequena parcela do Exército Brasileiro que possui o efetivo em torno de 220.000 integrantes para o ano de 2016.⁴ A Brigada de Infantaria Pará-quedista, particularmente, possui em torno de 5.000 militares e, portanto, pouco mais de 2% do total, mas seu emprego peculiar como tropa estratégica que pode atuar em todo território nacional a coloca em um nível de importância maior que outras grandes unidades.

A “Brigada” como é conhecida por seus integrantes está situada no Comando Militar do Leste⁵, mas para fins de emprego está subordinada diretamente ao Comando de Operações Terrestres (COTER). Cabe ressaltar que no Exército existem também militares paraquedistas no Comando de Operações Especiais, sediado em Goiânia- GO, mas o foco do trabalho será somente os que serviram na Escola de Paraquedistas/Núcleo de Formação da Tropa Paraquedista, fundada em 1945, com seus diversos nomes até a Brigada de Infantaria Pará-

³ As Armas dividem-se em dois grupos: as Armas-Base (Infantaria e Cavalaria) e as Armas de Apoio ao Combate (Artilharia, Engenharia e Comunicações). Os Quadros são: o de Material Bélico (QMB) o de Engenheiros Militares (QEM), o Complementar de Oficiais (QCO) e o Auxiliar de Oficiais (QAO). Os Serviços são: a Intendência, o de Saúde e Assistência Religiosa. Disponível em: <<http://www.eb.mil.br/web/guest/armas-quadros-e-servicos>>. Acesso em 25 Mar. 2106.

⁴ **DECRETO Nº 8.649, DE 28 DE JANEIRO DE 2016.** *Distribui o efetivo de pessoal militar do Exército em tempo de paz para o ano de 2016.* Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8649.htm. Acesso em: 05 Mai. 2016.

⁵ Comando responsável pelos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo. Disponível em:<www.eb.mil.br>. Acesso em: 20 Nov. 2016.

quedista dos dias atuais (ALMEIDA, 2002).

A estrutura do artigo apresentará, inicialmente, a metodologia empregada e, posteriormente, o referencial teórico de embasamento da pesquisa. Depois destas partes introdutórias, os símbolos paraquedistas serão analisados e, finalmente, verificados os resultados obtidos.

Metodologia

O trabalho por meio de uma abordagem qualitativa, com cunho exploratório, descreve alguns símbolos das tradições paraquedistas para compreender seus significados e sua importância na construção da memória do grupo. De acordo com Gil (2006) um dos objetivos da pesquisa exploratória é analisar e interpretar os fenômenos estudados e, no caso em pauta, tais ações são vistas na observação das rupturas e das permanências durante o processo histórico.

O procedimento metodológico julgado mais eficaz foi o estudo de caso. A pesquisa se concentra em um caso particular considerado representativo de outros análogos. Severino (2007) considera que o tema escolhido deve ser significativo, bem representativo e as análises devem ser rigorosas para autorizar inferências. A escolha dos militares paraquedistas foi pela importância estratégica que o Exército Brasileiro dedica para tal tropa desde sua criação até os dias atuais.

No tocante aos procedimentos técnicos a pesquisa adotará uma revisão bibliográfica e documental. As fontes foram selecionadas no Arquivo Histórico do Exército, Museu Aero terrestre, Arquivo Histórico da Brigada de Infantaria Pará-quedista e nos acervos digitais da Fundação Getúlio Vargas e da Biblioteca Nacional. As fontes selecionadas foram diversas, dentre elas, os Registros Históricos de Organizações Militares, Boletins do Exército, fotografias, jornais de circulação no estado do Rio de Janeiro⁶, entrevistas do Projeto História Oral da Brigada de Infantaria Pará-quedista, dentre outras.

A partir da leitura e análise do material documental foi organizado um questionário exploratório para entrevistas com militares, de várias gerações entre os diversos postos e graduações, como ferramenta para pesquisa de campo. A utilização dos relatos e testemunhos como fonte cabe lembrar os ensinamentos de Thompson (1992) no tocante a metodologia da

⁶ Jornal do Brasil, Correio da Manhã, Diário Carioca, O Fluminense e O Cruzeiro disponibilizados no acervo digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervodigital/>. Acesso em 27 Feb 2016.

história oral. O autor salienta a importância da escolha dos informantes e planejamento das entrevistas. A importância da oralidade é descrita como:

[...] grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos” (THOMPSON, 1992, p.17).

A história oral permite também uma nova forma de documentos, diferentes das tradicionais fontes escritas e na pesquisa de temas contemporâneas conforme salienta Alberti:

[...] A história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas *contemporâneos*, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas (ALBERTI, 1989, p.4).

Após as entrevistas orais foram enviados, por intermédio de uma mensagem em correio eletrônico, um questionário para militares paraquedistas com *e-mail* cadastrado no Departamento Geral do Pessoal (DGP). A finalidade foi mensurar a importância de alguns símbolos e ampliar o alcance das entrevistas, pois a visão que os militares paraquedistas possuem de si mesmo é uma eficiente ferramenta para mensurar a importância de suas tradições e complementar as lacunas da pesquisa documental.

No próximo capítulo apresentaremos um breve referencial teórico sobre o estudo das tradições, entre os militares, com o intuito de ambientar o leitor antes da análise dos símbolos paraquedistas.

Tradições Militares

A História possui uma ligação muito antiga com o estudo das tradições. Burguière (2005) salienta que:

[...] Essa preocupação é tão antiga quanto o espírito histórico. Esqueceu-se sobremaneira que *Heródoto, o pai da História*, na “enquete” que empreendia “para que o tempo não venha a abolir os trabalhos dos homens”, *sentia-se a necessidade de descrever em detalhes os costumes dos lídios, dos persas, dos massagetas ou dos egípcios para explicar o conflito entre os gregos e os bárbaros* (BURGUIÈRE, 2005, p.170) (GRIFO NOSSO).

A antropologia histórica, segundo o autor, seria uma forma de conquistar a “história por baixo”, isto é, “pelos ritos que impregnam a vida cotidiana” (BURGUIÈRE, 2005, p.200). Ele cita também que o historiador Legrand d’Assay, na obra *História da Vida Privada dos Franceses*, publicada em 1782, já salientava a importância do tema:

[...] *A história dos costumes não se exprime*, para ele (Legrand d’Assay) através de um encadeamento de fenômenos pitorescos e de inovações, mas por uma *mistura constante de comportamentos herdados (portanto de permanências) e de fenômenos*

de adaptação ou de invenção (BURGUIÈRE, 2005, p.170) (GRIFO NOSSO).

Um conceito importante para o estudo das tradições, citado na introdução da pesquisa, é o da “invenção” descrito por Hobsbawm e Ranger (1997). Inicialmente aos leigos pode parecer que o termo atribuiria a determinada tradição uma conotação mentirosa ou falsa, pois o ato de inventar, segundo o dicionário, é criar na imaginação e, portanto, poderia não ser algo totalmente fidedigno. Por outro lado, vemos que os autores não tinham essa intenção quando dizem:

[...] por “*tradição inventada*” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas: tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade com relação ao passado” (HOBSBAWM e RANGER, 1997, p.9).

As tradições inventadas possuem regras tácitas ou abertamente aceitas, ou seja, são reguladas por princípios que pretendemos encontrar por meio da análise dos símbolos e rituais. Elas também são produzidas por diversos grupos sociais e visam expressar coesão e estabilidade por intermédio de um conjunto de práticas que permitem uma ligação com um passado real ou forjado. As práticas são normalmente fixas e formalizadas posteriormente com o uso da repetição. Esse traço da tradição a diferencia dos costumes, que normalmente variam com o tempo e um exemplo claro é que “costume é o que fazem os juízes; tradição (no caso, tradição inventada) é a peruca, a toga e os outros acessórios e rituais formais que cercam a substância, que é a ação do magistrado” (HOBSBAWM e RANGER, 1997, p.10).

A tradição, segundo a visão dos autores, é uma “ponte que liga o presente com o passado com a intenção de influenciar valores e comportamentos” do grupo. A sua criação ou invenção ocorre em determinado momento histórico e, posteriormente, ela é repetida constantemente normalmente de uma maneira fixa e invariável (HOBSBAWM e RANGER, 1997, p.10-11).

O segundo traço da tradição inventada é possuir uma “função simbólica”. A origem pode ser centrada em uma única pessoa ou estar mesclada com costumes que em determinado momento foram oficializados (HOBSBAWM e RANGER, 1997, p.12-14). Qual a importância do estudo das tradições para um historiador?

Hobsbawm e Ranger (1997) salientam que “o assunto permite mostrar indícios, sintomas e indicadores de um grupo social que de outra forma dificilmente seriam detectados no tempo” e também pode “mostrar como são as relações humanas com o passado”. As tradições usam a história como legitimadora das ações e funcionam como um cimento de

coesão social e, portanto, seu estudo deve levar em consideração o contexto histórico antes de tudo (HOBSBAWM e RANGER, 1997, p. 20-21).

O General Bouchacourt, militar francês que participou da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), destaca a importância de “criar tradições” no meio militar ao referir-se a legião estrangeira ele diz: “É necessário encontrar e explorar, ou então *criar tradições, particularidades de apresentação, de denominação, de conduta*” (BOUCHACOURT, 1933, p.26) (GRIFO NOSSO).

No início do século XXI Castro (2002) realizou um estudo sobre tradições focalizando o Exército Brasileiro. O livro “A invenção do Exército” também utilizou o conceito consagrado por Hobsbawm e Ranger, mas teve uma interpretação particular. Na sua pesquisa, o antropólogo brasileiro descreveu o surgimento do culto a Caxias como patrono do Exército Brasileiro, as comemorações da vitória sobre a Intentona Comunista de 1935 e o dia do Exército. Ele considerou que as tradições normalmente não são fixas e são reinventadas, com significados distintos ou não, no decorrer do tempo através de um processo repetitivo de seus ritos e símbolos.

A partir da visão de Castro (2002) torna-se importante não só identificar como as tradições surgiram, mas também acompanhar seu trajeto durante o tempo histórico. Ele declarou que existe uma tradição da invenção e que os símbolos e rituais são permanentemente atualizados em diferentes contextos históricos, discordando em parte no tocante a invariabilidade das tradições inventadas.

Outro autor que pesquisou as tradições no Exército Brasileiro foi Frank McCann (2007). Ele destacou a influência francesa na adoção dos patronos simbólicos entre os anos de 1923 e 1938. Um dos exemplos mais importantes ocorreu quando em:

[“...] janeiro de 1925, a turma que se formou na Escola Militar do Realengo, encantada com o uso de patronos simbólicos pelo Exército Francês, escolheu como patrono o único duque do Império e seu maior general”. Durante a missa de ação de graças pela formatura, os estudantes distribuíram “santinhos” com a efigie do duque e uma lista de suas vitórias. A ascensão de Caxias foi favorecida pela decisão dos estudantes do Realengo de adotá-lo como patrono [...]. Mais tarde, o ministro Setembrino, que assistirá a missa, ordenou que o aniversário de Caxias fosse comemorado como dia do soldado (McCANN, 2007, p.522-524).

McCann descreveu o início do processo que culminaria com adoção do Duque de Caxias como patrono do Exército Brasileiro e, posteriormente, da escolha de outros militares para patronos das armas e homenageados pelas turmas de formação nas academias militares do Realengo e, posteriormente, das Agulhas Negras a partir de 1944.

No estudo das tradições militares é necessário também compreender as peculiaridades da profissão das armas. O historiador Raoul Girardet que foi, dentre outras funções, professor

docente da Escola Militar Especial de *Saint-Cyr* na França teve grande contato com o estamento militar. Ele apresenta características gerais da identidade do soldado que auxiliam na compreensão das particularidades da caserna quando diz:

[...] A aceitação total das leis e da disciplina militar pode ser uma forma de renúncia, de esquecimento completo de si mesmo diante de exigências mais altas, Tudo o que ela supõe de abnegação, tudo o que ela reclama de espírito de sacrifício [...] eles se apagam, despojam-se e rejeitam o melhor de si mesmos (GIRARDET, 2000, p.74).

Os militares possuem características comuns como o fiel acatamento à disciplina e hierarquia. Os soldados vivem um processo peculiar de socialização tendo em vista que fazem de uma instituição totalizante⁷ como afirmou Goffman (1999) e Foucault (1979).

Foucault (1987) em uma de suas obras clássicas descreveu traços que caracterizavam uma ruptura, particularmente entre os séculos XVII e XVIII, na formação dos soldados quando disse:

[...] Eis como ainda no início do século XVII se descrevia a figura ideal do soldado. O soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu orgulho: seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia... segunda metade do século XVIII: o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos; em resumo, foi expulso o camponês e lhe foi dada a fisionomia de soldado (FOUCAULT, 1987, p. 162).

A revolução industrial teria, segundo ele, modificada o processo de formação do soldado. O militar agora não precisaria mais ter um porte físico específico porque seria “fabricado” em série. Foucault considera também que os treinamentos de ordem unida, a excessiva preocupação dos militares com a postura, particularmente no tocante as instruções com os recrutas, tem a finalidade de “moldar” os corpos e transformá-los em “dóceis” e “disciplinados” para exercerem de forma mais eficaz a sua função de soldado.

No Brasil outro estudo importante sobre os militares foi realizado por Castro (1990). Ele fez uma pesquisa antropológica pioneira no país, nos últimos anos da década de 1980, na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), local onde são formados os oficiais da linha bélica do Exército Brasileiro. Na AMAN permaneceu por vários meses tendo observado a rotina, hábitos, costumes e tradições dos militares e entrevistou diversos cadetes para compreender o que ele denominou de o “espírito militar”.

⁷ O conceito foi utilizado pela primeira vez em 1957 pelo sociólogo canadense Erving Goffman para designar “um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada. Goffman inclui quartéis e academias militares como exemplos de instituições totais. Disponível em: <<http://dissertandouff.blogspot.com.br/2010/01/goffman-e-os-militares-sobre-oconceito.html>>. Acesso em 28 Mar 2016.

O “espírito militar”, em certa medida, influencia todo Exército Brasileiro. Os cadetes da AMAN, que no futuro serão oficiais⁸, no final do curso são transferidos por todo o país e a partir daí participam das tropas que a força terrestre possui. Dentre elas integram também a tropa paraquedista que é o objeto central da pesquisa. Sendo assim o “espírito militar” possui ligação direta com o “espírito paraquedista”. Na pesquisa de Castro (1990) o primeiro passo foi traçar um paralelo entre militares e civis na visão dos alunos daquela instituição de ensino militar. A conclusão dele foi de que:

[...] A comparação entre “aqui dentro” e “lá fora” é recorrente no discurso dos cadetes, e serve para o estabelecimento de distinções entre civis e militares. Uma ideia subjacente a essas comparações é de que existem atributos morais e físicos que distinguem e tornam reconhecíveis os militares mesmo quando eles não estão usando a farda (CASTRO, 1990, p. 30).

Da mesma forma, no estudo das tradições paraquedistas estabelecer a relação entre um civil e o soldado é importante. Castro verificou o uso constante do termo *paisano* quando os militares se referiam aos civis em suas entrevistas. A palavra, segundo ele, “tem sua origem no francês *paysan* e significa camponês ou rústico”, e, segundo ele, “a expressão seria uma forma depreciativa de tratar os que não fazem parte da sociedade militar”. Da mesma forma destacou ele que a palavra *milico* seria utilizado por civis com a mesma intenção (CASTRO, 1990, p.31).

O militar passa por um processo de socialização distinto dos civis valorizando a hierarquia e disciplina e adquire hábitos, costumes e tradições que o diferenciam. John Keegan, um historiador militar britânico, que foi professor na Real Academia Militar de *Sandhurst* descreve os militares assim:

[...] eu achava que o exército era uma coisa só. Naquela noite dei-me conta de que não era. Eu ainda tinha que aprender que as diferenças externas falavam de diferenças internas muito mais importantes. Os regimentos, descobri, definiam-se sobre tudo por sua individualidade, e era essa individualidade que faziam deles as organizações de luta cuja eficácia em combate era proclamada pelas medalhas e cruzeiros que eu via a minha volta (KEEGAN, 2006, p.15).

Ele percebeu durante o convívio com os militares que cada regimento ou batalhão possui características próprias. A arma ou qualificação possui uma ligação direta com o “espírito” que cada militar adquire na sua vida de caserna, seja ele praça ou oficial. Outro detalhe salientado por Keegan é o uso de distintivos e uniformes pelos militares com seus respectivos significados. Ele afirma que:

[...] aqueles que tinham sido de cavalaria continuavam a usar com os trajes de

⁸ O Exército Brasileiro é dividido entre oficiais e praças. Os oficiais são divididos entre os postos de 2º Tenente, 1º Tenente, Capitão, Major, Tenente-Coronel, Coronel, General de Brigada, General de Divisão e General de Exército e Marechal (tempo de guerra apenas). Disponível em: <<http://www.eb.mil.br/postos-e-graduacoes/>>. Acesso em: 14 Abr. 2016.

passeio as botas de verniz com canhão de marroquim pertencentes a seus uniformes de lanceiros ou hussardos. Aquilo me alertava para um paradoxo de que os uniformes não eram uniformes, que os regimentos se vestiam de maneira diferente (KEEGAN, 2006, p.15).

O uso da peça em um uniforme específico, no caso a bota de verniz, mesmo que não fosse mais para sua função inicial, possuía um valor simbólico que distinguia o cavalarião, por exemplo, dos demais. O tribalismo é outra marca dos militares destacada por Keegan (2006). Ele considera que o regimento ou batalhão é para muitos exércitos uma tribo onde deve prevalecer o espírito de corpo e união dos integrantes. A finalidade, segundo ele, seria formar uma coesão para enfrentar as dificuldades em um campo de batalha. A Brigada de Infantaria Pará-quedista possui diversas unidades, mas todas localizadas na Vila Militar, no Bairro de Deodoro, no subúrbio do Rio de Janeiro e, portanto, existe uma grande interação entre os quartéis paraquedistas de forma semelhante a um “grande batalhão ou regimento”.

No tocante ao soldado paraquedista vemos que ele passa por um processo específico de socialização nos quartéis, mas como é possível diferenciá-lo dos demais combatentes? A resposta para tal indagação parece ser um tanto óbvia, pois o que difere o paraquedista do “pé-preto”⁹ é a possibilidade de em operações ou exercícios militares saltar de uma aeronave em pleno voo.

O salto, portanto, é uma atividade de grande importância para os paraquedistas, pois o diferencia de outros soldados que não possuem tal capacidade. O primeiro salto possui um valor simbólico diferenciado, pois é o momento de transformação no qual o soldado ganha o novo status. Bergot (1972) resume o primeiro salto desta forma:

[...] Dé pé, enganchar! Desajeitados, enervados, em pânico, os voluntários, chocando-se, fixam seu mosquetão em um cabo central. Um a um, o monitor verifica o enganche e manifesta o seu acordo com uma palmada no ombro. O voluntário vacila. É o momento – a luz, perto da porta, passou para o vermelho. A perna esquerda à frente, um estranho bailado, como que deslizando, atrapalhados e desajeitados, os voluntários, aproximam-se da porta. Verde. Os corações saltam nos peitos. Chegou a altura. – *Go!* Com um vigoroso empurrão nas costas, o auxiliar de largada expede o primeiro do grupo para as nuvens. Dele nada resta senão a correia de abertura que se estica. De repente. Como a corda de um enforcado. *Go! Go! Go!* – Chegou a minha vez. Aproximando-nos da porta, sem se saber se o pé que pomos à frente é o que convém. Já não se consegue pensar, só se sabe que se vai...que se vai...O resto perde-se no meio de uma sensação esquisita (BERGOT, 1972, p.23-25).

A descrição de momentos, antes do primeiro salto, mostra a tensão que antecede a saída do avião. A busca para lembrar os ensinamentos do curso básico e o nervosismo é definido em uma frase – Já não se consegue pensar – mas enfim chega à sua vez de saltar e continua a descrever assim:

⁹ Nome que os instrutores na Área de Estágios do Centro de Instrução Paraquedista General Penha Brasil chamam o candidato do curso básico, referindo-se ao coturno preto utilizado pelas tropas não paraquedistas.

[...] E depois, muito depois – não são de facto, mais do que três segundos, repentinamente é a libertação. Uma manápula de gigante agarra-se pelos ombros e parece que nos puxa para cima. Obrigado! Oh, obrigado! Está-se contente. Reconhecido também. Ao paraquedas que se abriu, à funcionária que o dobrou, ao monitor, aos camaradas... A toda a gente. Está-se tão contente que, de repente, é como se amássemos, todo o mundo. E depois, muito rapidamente, demasiado rapidamente, é o solo. O solo onde tudo começa. A dobragem, as corridas intermináveis, as obrigações, o quotidiano. Durante um minuto, julgámo-nos um semideus, mas também rapidamente nos tornamos num tipo normal entre tantos outros tipos normais, Sim, mas... Só perante os outros. Porque, a partir de agora, o mundo divide-se em duas partes: os que saltam – portanto aqueles que sabem, aqueles com que se pode falar sem problema – e os outros, os ignaros (BERGOT, 1972, p,23-25).

O paraquedista vive, na visão do autor, um grande dilema. No ar sente-se um “semideus” porque com o paraquedas aberto tem a sensação de voar, atributo não permitido aos outros, mas quando chega ao solo novamente volta a ser um soldado normal. Portanto, o fato de poder saltar em uma aeronave em voo torna o paraquedista diferente dos demais militares.

O Coronel Celso Fabiano Vianna Braga, em sua entrevista, ressalta também a importância do discurso na construção de que o paraquedista é um militar diferente dos demais quando diz:

[...] *O que diferencia é o que você diz para ele, você vai mandar o camarada saltar de uma aeronave militar em voo, você vai...em última análise é isso colocar o cara atrás das linhas inimigas para durar 72 horas e vai dizer que ele é igual ao outro, ele não vai! Vem cá, então você tem de dizer para o cara o seguinte, você é melhor que o outro, você sofreu um processo, eu vejo exatamente isso, porque se a gente for analisar, se você for, qualquer, vamos falar em uma comunidade, um cara que mora em uma casa e o outro na outra, um foi servir ali no “Rei” e o outro foi para “Brigada”, jogaram bola juntos, alimentação semelhante, por que que um é melhor que o outro? Não é melhor, mas você diz para ele que ele é melhor e cria condições para que ele seja melhor (BRAGA, 2016) (GRIFO NOSSO).*

A tradição atua na estruturação do discurso de superioridade descrito pelo Coronel Braga com o objetivo de reforçar no imaginário coletivo do grupo que o paraquedista é melhor que os outros soldados. Obviamente esse não é o único elemento, pois está associado a outros fatores como a formação diferenciada e a constante de valorização da condição de combatente aeroterrestre. Os símbolos possuem, no campo simbólico, a função de diferenciar o soldado paraquedista e fazer que ele acredite nisso e seja capaz de realizar missões mais difíceis.

Para Castro (1990) outra característica que diferencia os militares seria as características de sua qualificação denominada por ele como o “espírito das armas”. O conceito é assim definido:

[...] Diferentes missões (isto é, tarefas) de cada arma numa situação de combate – as atividades fim – e os diferentes padrões de conduta e personalidade mantidas na situação de não-combate, no cotidiano... uma outra ordem de realidade, produzindo

significação, cultura... Temos aqui uma espécie de totetismo no qual membros de cada arma compartilham entre si de regras de conduta mais ou menos obrigatória e um estoque de símbolos comuns (emblemas, canções, patrono, etc) relacionadas ao espírito da arma (CASTRO, 1990, p. 59).

Dentro dessa perspectiva o infante e o cavalariano seriam mais aguerridos que militares de outras armas como artilharia, por exemplo, que fica normalmente um pouco mais a retaguarda em um campo de batalha convencional. Essa lógica é perfeitamente enquadrada em diversas tropas, mas entre os paraquedistas parece que o “espírito das armas” perde um pouco sua força ao ponto que o “espírito ou mística paraquedista” ganha espaço.

O “espírito das armas” está presente na Brigada de Infantaria Pará-quedista, mas ele convive também com o “espírito paraquedista” que surge por meio dos símbolos específicos que buscam uma diferenciação da restante do Exército. A sua formação peculiar e, posteriormente, missões específicas geram a necessidade do discurso da diferença.

Símbolos paraquedistas

O trabalho destacou quatro símbolos. O “*boot*” marrom, brevê prateado, boina grená e águia dourada foram escolhidos de forma aleatória embora existam outros emblemas e distintivos nas tradições dos paraquedistas brasileiros.

O uso do calçado marrom foi autorizado a partir de 1946. A expressão vem da palavra inglesa “*boot*” que era utilizado para identificar as botas utilizadas pelos militares norte-americanos. Os pioneiros já incorporaram o termo que servia para diferenciar os paraquedistas dos outros militares que usavam o coturno preto. As primeiras botas ortopédicas da marca “*corcoran*” vinham do EUA junto com os paraquedas. A relação amistosa entre norte-americanos e brasileiros fruto da aliança durante Segunda Guerra Mundial, desde 1942, e também nos primeiros anos da Guerra Fria facilitavam o processo de aquisição. O material era anatômico e com o bico arredondado que ajudaria na aterragem permitindo um impacto reduzido no momento da aterragem no solo (GONÇALVES, 2015).

As botas norte-americanas vieram até o ano de 1956 e, a partir deste ano, iniciou a produção das botas nacionais. O “*boot*” sofreu, no decorrer dos anos, variações no seu formato e acabou perdendo suas características iniciais mantendo apenas a cor marrom tradicional (GONÇALVES, 2015).

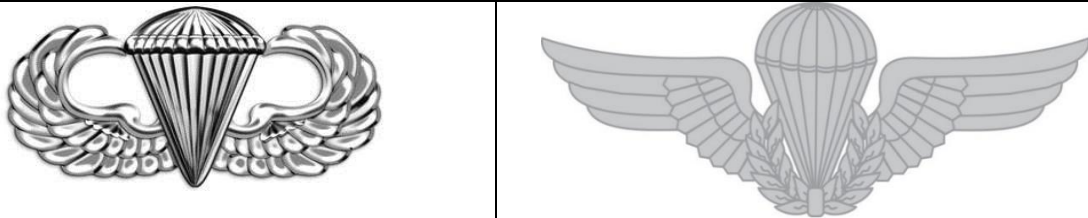
Nas últimas décadas algumas tropas do Exército Brasileiro “inventaram” algumas variações para o calçado militar. As tropas de selva, por exemplo, tinham um coturno preto, mas com as laterais de tecido na cor verde e as tropas de Operações Especiais um calçado na

cor café. As operações especiais possuem uma herança histórica ligada à tropa paraquedista, pois o primeiro curso para formar os operadores de forças especiais no Brasil ocorreu, em 1957, no então Núcleo da Divisão Aeroterrestre e o 1º Batalhão de Forças Especiais desde sua criação em 1983 até 2003 fez parte da Brigada de Infantaria Pará-quedista (BRASIL (b), 2016).

Apesar disso com a criação da Brigada de Operações Especiais em 2003 o “*boot*” marrom foi deixado de lado e foi buscado-se “inventar” uma nova tradição com a criação do “*boot*” café. A grande diferença é que a nova cor não incorporou as tradições antigas, o uso da nova bota foi estendido a todos, ou seja, não estava restrito aos paraquedistas. O calçado café permaneceu de 2003 a 2015, mas foi extinto e os paraquedistas do atual Comando de Operações Especiais voltaram a usar o tradicional “*boot*” marrom (BRASIL (c), 2016).

Outra tradição que nasceu nos primeiros anos da tropa paraquedista foi o uso do brevê prateado. O distintivo é muito parecido com o norte-americano, pois possui as asas de prata e o paraquedas ao centro, distinguindo-se apenas pelos louros abaixo do paraquedas e entre as asas. A insígnia de paraquedista dos EUA “foi criada no início da Segunda Guerra Mundial” e formalmente aprovado a 10 de março de 1941 (FOSTER, 2004, p.9).

Figura 1: Os distintivos de paraquedistas militares dos EUA e Brasil



Fontes: <<http://www.currahee.org/legacyPara.htm>> e <<http://pt.calameo.com/read/00123820631730600fea9>>. Acessos em: 14 Mai. 2016.

De acordo com a tradição oral, através de relatos dos pioneiros, o desenho do distintivo brasileiro foi resultado de um trabalho conjunto. Os militares brevetados nos EUA acabaram consolidando o desenho com participação também da Senhora Leda, esposa do Coronel Darcy Tavares de Carvalho Lima e do Capitão Alírio Granja, que após apreciação do então Coronel Penha Brasil, comandante da Escola de Paraquedistas, o símbolo foi aprovado (BRASIL (a), 2016).

Outra versão defendida por Junior (1993), Almeida (2002) e Pessôa (2016) é que o então Capitão Pessôa foi o principal idealizador do distintivo, inspirado no brevê norte-americano. O significado do emblema seria que “as asas de prata representam o avião, o paraquedas o meio de chegar até o inimigo e os ramos de louro a vitória” (JÚNIOR, 1993, p.18).

É possível que as duas versões tenham uma ligação. O site da Brigada de Infantaria Pará-queda diz que o desenho foi criado pelos militares brevetados nos EUA e, obviamente, o Capitão Pessoa deve estar incluído neste grupo e por ser o pioneiro do paraquedismo militar no Brasil pode ter influenciado ou até, realmente, comandado o processo de criação.

De acordo com Carmo (2015) o Coronel Penha Brasil teria criado, anteriormente, um brevê distinto. O distintivo foi aprovado no Boletim do Exército nº 35, p. 2696, no ano de 1946 consta no Registro Histórico do Centro de Instrução Paraquedista General Penha Brasil, mas nunca foi utilizado. Nos anos de 1946, 1947 e 1948 existiam apenas os pioneiros paraquedistas que utilizavam o distintivo norte-americano e a partir do primeiro Curso Básico Paraquedista, no ano de 1949, o distintivo nacional foi oficializado. Desta forma, existe um lapso temporal que pode explicar a não utilização do primeiro símbolo. Na Figura nº3 vemos o distintivo proposto em 1946.

Figura 2: O distintivo de paraquedista militar brasileiro que nunca foi utilizado



Fonte: Arquivo Histórico do Exército. Aviso nº1089 de 23 de agosto de 1946 e <<http://montedo.blogspot.com.br/2013/10/paraquedistas-historia-do-breve-prateado.html>>. Acesso em: 10 Set. 2016.

É possível constatar que existem muitas semelhanças entre os brevês. O formato usado atualmente preserva todas as características anteriores com o paraquedas ao centro, o louro em sua base e as asas proporcionais. As diferenças residem no sabre apontando para baixo com um brasão central que foi retirado e nas cores. No distintivo inicial era previsto as cores dourada para oficiais e prateada para praças. O General De Pessoa salientou a importância da cor prateada no distintivo de praças e oficiais ao declarar que: “Todos saímos pela mesma porta da aeronave e enfrentamos os mesmos riscos e perigos. Somos submetidos ao mesmo crivo e padrão de exigências físicas e técnicas. Não vejo razão alguma para diferenciações na cor do brevê” (CARMO, 2015).

Na última atualização do Regulamento de Uniformes do Exército foi definido que

todos os cursos de especialização deverão ser dourados, exceto o de paraquedista militar que permaneceu prateado (BRASIL (c), 2016). Esse é um exemplo da permanência de uma tradição que simboliza uma suposta igualdade ao representar que as dificuldades desde a formação na Área de Estágios e os riscos nos saltos seriam iguais do soldado ao general. O uso do mesmo distintivo contribui, também, na construção simbólica do espírito de corpo e da união da tropa.

A igualdade simbolizada pelo brevê prateado foi um ponto exaltado, diversas vezes, pelo General Pessôa. No trecho abaixo ele diz como deve ser o paraquedista militar:

[...] sem distinções de postos ou regalias hierárquicas, uma vez que, no cumprimento da missão, todos correm o mesmo risco em termos de condição de paridade, já que, por igual para todos os integrantes da soberba tropa, a missão é qualquer a ser por inteiro cumprida (PESSOA, 1993, p.7).

A igualdade entre os paraquedistas pode ser vista também na tradição de não usar bigodes. A proibição não é regulamentar, mas consagrou-se na Brigada de Infantaria Paraquedista. O Tenente Pessôa, em 1936, realizou o curso de planadores na Alemanha e assimilou o conceito de que “o homem de cara limpa é mais corajoso e propenso ao combate, pois não se escondia atrás de nada”. A tradição teve origem então quando o Capitão Pessôa, nos primeiros anos da tropa paraquedista, convenceu os pioneiros a não usarem bigode “para fins de uniformidade, já que os soldados não podiam usá-los, para evitar que houvesse um distanciamento entre oficiais e praças” (JÚNIOR, 1993, p.22-23).

Ao analisarmos o uso do brevê prateado para todos e a proibição, não oficial, no uso de bigodes vemos que existe nessas tradições uma regra implícita de uma suposta igualdade. Quando algo busca diferenciar esses militares, entre os postos e graduações, por meio da alguma peculiaridade esse preceito não é aceito pelo grupo. A igualdade de condições de alguns aspectos da atividade aeroterrestre ultrapassam o momento do salto e se estendem para outras situações.

O uso do “*boot*” marrom e do brevê prateado já estava normatizado, mas a boina grená percorreria um caminho bem árduo. Ela é, normalmente, uma peça do fardamento que identifica diversas tropas paraquedistas pelo mundo. Bergot em sua obra enfatizava a importância da boina para os paraquedistas quando diz que:

[...] Vermelha ou verde, preta ou cáqui, há já cerca de trinta anos que a boina é considerada como o símbolo dos para-quedistas. Pô-lá significa, para o aspirante a pára, aceitar ao mesmo tempo as obrigações e os riscos, e, para o profano, mudar, ao mesmo tempo, de vida e de mentalidade...legaram-lhe também as fitas negras que tinham passado a usar, em sinal de luto, após a hecatombe de Arnhem (BERGOT, 1972, p.15).

Outro item importante na boina, independentemente de sua cor, é a fita negra presa à retaguarda. O item simboliza o luto pelos combatentes mortos em Arnhem durante a 2ª

Guerra Mundial. A batalha foi um grande combate travado entre as forças alemãs e aliadas durante o mês de setembro de 1944 causando baixas estimadas em 75% das tropas paraquedistas britânicas (EVANS, 1988).

A boina permite uma ligação com o passado e integração entre paraquedistas de várias gerações e nações, formando assim uma irmandade do ar. Apesar da importância dada ao seu uso, durante aproximadamente duas décadas, ela não era permitida aos brasileiros. Os pioneiros que realizaram o curso nos EUA quando retornaram ao Brasil usavam, como os outros militares do Exército, um quepe ou gorro gabardine, conhecido popularmente como “bibico”, com apenas uma particularidade o uso da “bolacha”, um símbolo circular com um paraquedas em seu interior, representando a sua organização militar. O distintivo era uma cópia das unidades paraquedistas norte-americanas e foi um símbolo que permaneceu nas primeiras boinas utilizadas pelos brasileiros após sua aprovação no dia 15 de setembro de 1964 (GONÇALVES, 2015).

No ano de 1963 o Exército Brasileiro enviou uma equipe para o campeonato mundial de pentatlo militar na cidade de Roma. O chefe da delegação era o então Capitão paraquedista Osiris Cardoso Labatut Rodrigues e os integrantes eram também militares do Núcleo da Divisão Aeroterrestre e do Corpo de Fuzileiros Navais. As outras treze equipes participantes da competição tinham, em sua maioria, paraquedistas que usavam a boina. Os brasileiros foram desta forma chamados pelos franceses como “*Le equipe chapeaux*”, ou seja, a equipe do chapéu por ser a única que usava o quepe (JÚNIOR, 1993, p.20).

No ano seguinte o Capitão Hamilton Franklin de Melo foi para França participar do campeonato mundial de paraquedismo. Novamente ele e seus companheiros da equipe de salto livre foram chamados de “*Le equipe chapeaux*”. No retorno ele relatou o fato ao General Moniz de Aragão, comandante do Núcleo da Divisão Aeroterrestre, que passou a defender a ideia de adoção do uso da boina no Brasil e teria dito estas palavras para justificar a cor grená: “quero poder divisar um paraquedista de longe ou no meio da multidão” (GONÇALVES, 2015).

O pedido formal foi realizado e a tropa paraquedista aguardava a decisão da Comissão de Fardamento do Exército para poder usar a boina grená em seus uniformes. Na proximidade da parada militar, para comemoração da independência do Brasil, no dia 7 de setembro de 1964, o Capitão Osiris recebeu a missão de encontrar um local que confeccionasse o material. Ele deslocou-se com um avião, cedido especialmente pela Força Aérea Brasileira (FAB), para fazer a encomenda na fábrica da empresa Prada, na cidade de Limeira no interior de São Paulo. Inicialmente o pedido para uso da boina foi negado e novamente o Capitão Osiris,

autorizado por seu comandante, levou outro documento em mãos para o Ministro da Guerra pedindo a revisão da decisão. A expectativa era que a autorização poderia ocorrer antes do desfile de 7 de setembro (GONÇALVES, 2015 e JÚNIOR, 1993).

O General Aragão deu ordem para distribuir as boinas. No treinamento para o desfile, no dia 6 de setembro, ele dirigiu-se a tropa e relatou as dificuldades no processo de autorização e com um gesto simbólico trocou o seu “bibico” pela boina causando uma euforia entre os paraquedistas. Na parada militar, no dia seguinte, os militares desfilaram com a boina dentro do blusão da farda com a expectativa de que durante a cerimônia militar o seu uso seria finalmente autorizado (GONÇALVES, 2015).

O uso da boina só foi autorizado alguns dias depois, mas o processo com suas dificuldades e contratempos serviram para valorizar o seu uso. Nas décadas seguintes a boina iria se popularizar no Exército Brasileiro e regulamentada para todas as tropas, mas reservando a cor grená somente para os paraquedistas (GONÇALVES, 2015).

Até o ano de 2003 o 1º Batalhão de Forças Especiais (1ºBFEsp) fazia parte da Brigada de Infantaria Pará-quedista e, obviamente, seus integrantes usavam a boina grená. A partir da criação da Brigada de Operações Especiais e transferência do 1º BFEsp para Goiânia, os integrantes daquela grande unidade passaram a usar uma boina de uma tonalidade mais escura. Além da diferença na cor o uso não estava restrito aos paraquedistas, ou seja, era utilizada por qualquer militar. Essas diferenças permanecerão de 2003 a 2015, mas na recente atualização do regulamento de uniformes, a boina grená voltou a ser utilizada no agora Comando de Operações Especiais e, novamente, ficou restrita aos paraquedistas. Neste caso, específico tivemos uma tentativa de “inventar uma nova tradição” que não conseguiu efetivar-se e permaneceu a boina grená somente para os paraquedistas (BRASIL (c), 2016).

Uma águia com as asas abertas tendo o paraquedas ao fundo é o símbolo da Brigada de Infantaria Pará-quedista. Nas primeiras décadas de criação da tropa ela era utilizada no ombro esquerdo da farda para identificar os militares que serviam nas unidades paraquedistas. A *101ª Airborne Division*, dos EUA, também possui uma águia no seu distintivo. A formação paraquedista brasileira iniciou com os norte-americanos e seria algo normal a influência na criação dos símbolos. A seguir vemos os dois símbolos, o norte-americano e brasileiro para fins de análise.

Figura 3: A águia da 101ª Airborne Division e da Bda Inf Pqdt

Fontes: <<http://www.army.mil/101stairborne/>> e <http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/>> . Acessos em: 19 Abr 2016.

Apesar da utilização do mesmo símbolo (águia) eles possuem características bem distintas. No emblema dos EUA a ave está de perfil, somente mostrando a cabeça, olhando para o alto e simbolizando a nação estadunidense. A águia é utilizada nos EUA desde a Guerra da Secessão (1861-1865)¹⁰. Por outro lado, no distintivo brasileiro vemos o animal por completo e em posição de ataque olhando para baixo na captura de uma possível presa. Outra diferença está na cor branca do primeiro símbolo e amarela na figura nacional (RAPPORT, 1948).

Outra possível inspiração para o emblema dos paraquedistas brasileiros é o símbolo alemão utilizado até final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O distintivo germânico da época era uma águia mergulhando com uma suástica nazista nas patas. O Capitão Paraquedista Alemão *Freiherr Von De Heyde* ao falar sobre o símbolo disse que: “A nossa formação é jovem e criaremos a tradição com as nossas ações no futuro. Depende de nós se o símbolo da águia em mergulho, emblema que nos une, entrará para a História como símbolo de honra e valor militar” (BEEVOR, 2008, p.100).

A seguir vemos os dois símbolos lado a lado, o alemão e o brasileiro para fins de comparação.

¹⁰ O símbolo da “Velha Águia” (*Old Abe*) é utilizado desde a Guerra Civil Americana, inicialmente no estado de Wisconsin, que é o local de origem da 101ª Divisão. RAPPORT, Leonard. *A History of the 101st Airborne Division*. Whashington: Infantry Journal Press, 1948, p.24.

Figura 4: As águias dos Paraquedistas Alemães (*Fallschirmjäger*) e dos Brasileiros

Fonte: <<https://ospreypublishing.com>> e <<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/>>. Acesso em: 26 Ago. 2016.

Aqui já vemos bem mais semelhanças. A cor amarela e a dourada são semelhantes e a posição do símbolo é similar, pois ambos estão em posição de ataque, em movimento e com olhar fixo para um objetivo. O distintivo alemão, logo após a derrota na Segunda Guerra Mundial teve a substituição da suástica nazista pela bandeira da Alemanha e permanece desta forma até os dias atuais.

O símbolo da Águia sofreu apenas alterações na sua posição no fardamento. Inicialmente, como já vimos, o distintivo ficava na manga de alguns uniformes e, posteriormente a partir de 1987, passou para o bolso esquerdo das fardas de passeio. Essas mudanças ocorreram em todo Exército por meio de uma nova edição do Regulamento de Uniformes, mas não alterou o significado do símbolo (FERREIRA, 2016).

Nos últimos anos foram criados novos símbolos na Brigada de Infantaria Paraquedista, dentre eles temos: a medalha aeroterrestre¹¹, o troféu aeroterrestre¹² e a faca do paraquedista¹³. É possível verificarmos como estes símbolos comuns continuam sendo inventados fazendo uma ligação com o passado e buscando desenvolver a identidade do grupo

¹¹A Medalha Mérito Aeroterrestre foi instituída pelo Decreto n.º 6.789, de 3 de março de 2009, destinada a premiar os militares paraquedistas do Exército Brasileiro da ativa ou da inatividade, que tenham se destacado pelo excelente desempenho funcional, irrepreensível conduta civil e militar, bem como pelos bons serviços prestados em organizações militares da Brigada de Infantaria Paraquedista ou da Brigada de Operações Especiais. Disponível em: <<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/medalha-aet>>. Acesso em 17 Out 2016.

¹²A Bda Inf Pqdt, com o intuito de estimular a participação de militares paraquedistas em atividades aeroterrestres, instituiu troféus para premiar aqueles que tenham realizado determinado número de saltos de aeronaves militares em voo e/ou cumprido determinado número de cotas servindo nessa Grande Unidade Aeroterrestre. Disponível em: <<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/trofeu-aet.html>>. Acesso em 17 Out 2016.

¹³O Comando da Bda Inf Pqdt decidiu realizar um sonho antigo e criou a FACA DO PARAQUEDISTA. Para isso, foi estabelecida uma parceria com um dos mais renomados canteiros do País: Sr Ricardo Vilar (criador do Facão do Guerreiro de Selva). Desde que foi criada, a FACA DO PARAQUEDISTA se transformou no objeto mais cobiçado de todo "PQD" da ativa e da reserva; até de civis e de amigos da nossa querida Brigada de Infantaria Paraquedista. Disponível em: <<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/faca-do-pqdt>>. Acesso em: 17 Out. 2016.

por meio das tradições (BRASIL (a), 2016).

Análise dos resultados

No estudo identificamos duas regras tácitas, ou seja, princípios implícitos que orientam a criação dos símbolos paraquedistas, que são: igualdade e diferença. A igualdade pode ser vista no uso do brevê prateado, do “*boot*” marrom e da boina grená para todos os militares, sem distinção de postos e graduações. A igualdade é destacada, por exemplo, no discurso do General Pessôa ao considerar que todos os militares paraquedistas enfrentam “os mesmos riscos e perigos e são submetidos ao mesmo crivo e padrão de exigência física e técnicas” (CARMO, 2005). Na “Brigada” existe uma busca por minimizar as diferenças e assim fortalecer a união, o espírito de corpo e camaradagem do grupo.

A regra tácita da diferença é outro princípio. Os mesmos símbolos que exaltam a igualdade servem também para diferenciá-los dos outros militares. O brevê prateado, o “*boot*” marrom e a boina grená são símbolos exclusivos dos paraquedistas e agem, simbolicamente, na construção dessa premissa. Essa regra é um discurso natural nas tradições inventadas que buscam criar “particularidades de apresentação, de denominações e conduta” (BOUCHACOURT, 1993, p.26).

O trabalho buscou também identificar as rupturas e permanências dos símbolos analisados. No uso do brevê de paraquedista militar, inicialmente, foram criados dois distintivos, no ano de 1946, um dourado para oficiais e outro prateado para praças. Os emblemas não foram utilizados e, nos anos seguintes, um novo foi criado com pequenas alterações, mas com a cor prateada para todos. Nesse caso vemos o princípio da igualdade influenciando a consolidação de um símbolo em detrimento de outro. Apesar das diferenças no formato o mais importante é a mudança no significado dos distintivos. Inicialmente tínhamos dois brevês, ou seja, um dourado para oficiais e outro prateado para as praças e, posteriormente, apenas um dourado para todos.

Outra importante mudança ocorreu, no ano 1964, com o uso da boina grená. A nova peça do uniforme transmitia, simbolicamente, o princípio da diferença ao mesmo tempo em que servia para identificar os paraquedistas. O processo de autorização para o uso funcionou, também, para unir o grupo em torno de um objetivo único. A boina sofreu uma pequena mudança, pois a partir de 1987 com a mudança do regulamento de uniformes ela deixou de ter a “bolacha”, um símbolo redondo com paraquedas ao centro, para usar o escudo do Exército Brasileiro. A mudança não foi importante porque não alterou o significado do símbolo.

O “*boot*” marrom permaneceu como um símbolo desde a década de 1940 até os dias atuais na Brigada de Infantaria Pará-queda, mas no ano de 2003 o 1º Batalhão de Forças Especiais (1ºBFEsp), quando foi transferido para Goiânia e passou a ser subordinado da Brigada de Operações Especiais que criou um novo símbolo o “*boot*” na cor café. O calçado poderia ser utilizado por todos os militares e a tradição durou até o ano de 2015 e, atualmente, os paraquedistas daquela organização militar voltaram a utilizar o tradicional “*boot*” marrom (BRASIL (c), 2016). Apesar de, atualmente, o 1º Batalhão de Forças Especiais não fazer mais parte da “Brigada” ele herdou as tradições paraquedistas e o novo símbolo deveria respeitar as regras tácitas da diferença e igualdade para perdurar. Por outro lado, se o símbolo permanecesse poderíamos concluir que estaria sendo criado uma nova tradição com outros princípios.

A pesquisa buscou também identificar as influências nas tradições. Os paraquedistas brasileiros herdaram dos norte-americanos a tradição de usar o *boot* marrom e o brevê prateado. A influência alemã é outra característica marcante. O Exército Brasileiro teve contato com a doutrina germânica com militares que, na década de 1910, estagiaram na Alemanha e, posteriormente, ficaram conhecidos como “jovens turcos”. Esses oficiais criaram o periódico - A Defesa Nacional - que difundia suas ideias e participava da formação dos novos oficiais na Escola Militar do Realengo. A ligação entre os militares germânicos e brasileiros pode explicar a similaridade do símbolo da águia com o distintivo dos paraquedistas alemães e também tradições informais como não usar bigodes. A cultura militar da França influenciou de forma mais discreta a “Brigada”. O Exército Brasileiro na época tinha uma recente ligação com a Missão Militar Francesa (1920-1940) e o uso da boina grená é um exemplo dessa ligação.

A Brigada de Infantaria Pará-queda possui uma forte ligação simbólica com os paraquedistas norte-americanos, alemães e franceses. Além disso, ela busca criar suas especificidades, por meio de tradições nacionais, criando um espírito peculiar desenvolvendo valores e normas por intermédio da repetição e criando assim uma relação com o passado por meio da memória.

Considerações finais

O estudo das tradições permite uma nova percepção que, normalmente, análises tradicionais não são capazes de captar. Uma delas é identificar as peculiaridades dentro um grupo social aparentemente homogêneo como são os militares e compreender o processo de criação de símbolos e rituais que, normalmente, são inventados para preservar a memória.

No estudo podemos verificar que os símbolos apresentaram algumas rupturas e, portanto, não permaneceram fixos. Neste ponto coincidimos com o pensamento de Castro (2002) que considera que as tradições são, constantemente, reinventadas existindo o que ele chama de tradição da invenção. Por outro lado, discordamos do conceito de Hobsbawm e Ranger (1997) que considera as tradições inventadas como fixas e invariáveis, pois neste caso específico não tivemos apenas permanências.

Outra característica importante dos símbolos analisados foram os princípios da igualdade entre os integrantes do grupo e diferença dos paraquedistas para com os outros militares. Essas regras tácitas permitiram compreender o fato de determinado símbolo não se consolidar como vimos nos exemplos dos brevês distintos para oficiais e praças criados no ano de 1946 e, recentemente, na invenção do “*boot*” café pela então Brigada de Operações Especiais em 2003.

A pesquisa permitiu compreender que a formação dos paraquedistas culminando com os saltos de uma aeronave militar em voo permite que eles se sintam diferentes dos outros soldados ao mesmo tempo em que criam um sentimento de semelhança entre eles que é simbolicamente representado por um distintivo prateado, um calçado específico na cor marrom e uma boina grená para todos desde o soldado até o general. Estes símbolos permitem construir um discurso de que os paraquedistas podem fazer atividades que outros soldados não suportariam e, portanto, atuam diretamente na formação da identidade do grupo.

O espírito paraquedista descrito no trabalho, por meio do uso de símbolos, representa um conjunto de regras de conduta que por meio da repetição cria uma sensação de coesão social e estes símbolos representam mais do que as suas formas, pois transmitem um discurso.

A compreensão dessas tradições é uma ferramenta para identificar o pensamento dominante no grupo social. O fim ou alteração do significado de um símbolo, normalmente, pode corresponder à mudança das regras tácitas que o criaram. No nosso estudo isso não ocorreu, mas existiram embates que resultaram na prevalência dos princípios originais.

Referências

ALBERTI, V. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALMEIDA, Ricardo Guilherme de Almeida. *Evolução histórica da Brigada de Infantaria Paraquedista no contexto da força terrestre brasileira*. Dissertação de Mestrado em Ciências Militares. Rio de Janeiro: ECEME, 2002.

BEEVOR, Antony. *CRETA. Batalha e resistência na Segunda Guerra Mundial (1941-1945)*. Tradução de Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BERGOT, Erwan. *Os Pará-quedistas*. Tradução de Zarco Muniz Ferreira. Paris: Ulisseia, 1972.

BOUCHACOURT, T.C. *Ensaio sobre a psicologia da infantaria*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1993.

BRAGA, Celso Fabiano Vianna. *Entrevista*. [Out. 2016]. Entrevistador: Vandrê Rolim Machado. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo .mp4 (28 min).

BRASIL (a). *Site oficial da Brigada de Infantaria Pará-quedista*. Disponível em: <<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/>>. Acesso em: 20 Jan. 2016.

_____ (b). *Site oficial do Centro de Instrução de Operações Especiais*. Disponível em: <<http://www.ciopesp.ensino.eb.br/historico.html>>. Acesso em: 16 Mai. 2016.

_____ (c). *Regulamento de uniformes do Exército (RUE) online*. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/00123820631730600fea9>>. Acesso em: 29 Jun. 2016.

BURGUIÈRE, André. A antropologia histórica. In: LE GOFF, Jacques. *A história nova*. Tradução Eduardo Brandão. 5ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARMO, Antônio. *Paraquedistas: a história do brevê prateado*. Disponível em: <<http://montedo.blogspot.com.br/2013/10/paraquedistas-historia-do-breveprateado.html>>. Acesso em: 22 Set. 2015.

CASTRO, Celso. *O espírito militar: um estudo de antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1990.

_____. Celso. *A invenção do Exército*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2002.

EVANS, Martin Marix. *The Battle for Arnhem English: A Pitkin Guide (Military and Maritime)*. London: Jarrold Publishing, 1998.

FERREIRA, Ivan Romualdo. *Entrevista*. [Out. 2016]. Entrevistador: Vandrê Rolim Machado. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo .mp4 (37 min).

FOSTER, Frank. *Complete Guide to the United States Army, Badges and Insignia World War II to Present (1ª ed.)*. United States: Medals of America Press, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

_____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987

GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GIRARDET, Raoul. *A Sociedade Militar – De 1815 até nossos dias*. Rio de Janeiro: BibliEx, 2000.

GONÇALVES, Domingos Ferreira. *Memória Histórica da Brigada de Infantaria Pará-quedista. Seção do Arquivo Histórico. Cronologia dos Principais Eventos (1944-2015)*. Rio de Janeiro, 2015.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

HOSBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. (orgs.) *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JÚNIOR, Singefredo Sá. *Pára-quedismo Militar no Brasil: origens, histórico e reflexos na atualidade*. Monografia. Rio de Janeiro: ECEME, 1993.

KEEGAN, John. *Uma história da Guerra*. Companhia das Letras: Rio de Janeiro, 2006.

McCANN, Frank D. *Soldados da Pátria – História do Exército Brasileiro (1889-1937)*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PESSÔA, Pedro Aurélio de. *Desabafo de um audaz paraquedista*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=p0qn2c9PzbQ>>. Acesso em: 20 Out. 2016.

PESSÔA, Roberto de. *Pará-quedismo militar no Brasil: enquanto lembrar me for permitido*. Rio de Janeiro, 1993.

RAPPORT, Leonard. *A History of the 101st Airborne Division*. Whashington: Infantry Journal Press, 1948.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23 Ed. Revisada e Atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Recebido em: 20/11/2016

Aprovado em: 29/05/2017